



## **O aparelhamento e modernização do espaço urbano paulistano no início do século XX: um olhar sobre a estruturação da rede paulistana de alojamento e sobre a maneira de inserção dos edifícios hoteleiros na cidade industrial**

Ana Paula Garcia Spolon

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)  
anapaulaspolon@gmail.com

### **O aparelhamento e modernização do espaço urbano paulistano no início do século XX: um olhar sobre a estruturação da rede paulistana de alojamento e sobre a maneira de inserção dos edifícios hoteleiros na cidade industrial (Resumo)**

Processos regionais de estruturação e modernização de cidades são desdobramentos de um fenômeno maior de produção e reprodução de espaços que não se dá de forma repentina ou imediata, mas de uma maneira continuada, cuja gênese está na era industrial, a partir do início da revolução urbana. A época registra transformações de ordem produtiva e sistêmica que vão muito além da mecanização das fábricas. Na sequência de várias “revoluções industriais” é que se dá o aparelhamento das cidades e a constituição de novas condições de sociabilidade. No Brasil, é no contexto dessas mudanças, ocorridas na passagem do século XIX para o XX, que os edifícios hoteleiros passam a ser projetados dentro de uma nova lógica urbanística e adotam outra estética arquitetônica, passando a incorporar facilidades construtivas e funcionais advindas da industrialização, entre as quais as tecnologias do setor energético. Este trabalho olha para a história da eletrificação na cidade de São Paulo, interpretando-o a partir da identificação dos pontos de sua relação com a mudança na forma dos edifícios hoteleiros paulistanos, bem como na maneira de sua inserção na dinâmica cosmopolita da sociedade urbana paulistana, surgida com o capitalismo industrial.

**Palavras-chave:** hotelaria; edifícios hoteleiros; espaços urbanos; São Paulo.

### **The equipping and modernization of São Paulo urban space in the beginning of the twentieth century: a look on the structure of hotels supply and on the way of integration of hotel buildings in industrial city (Abstract)**

Regional processes of cities' structuring and modernization are developments of a larger phenomenon of production and reproduction of spaces that does not happen suddenly or immediately, but continuously, and whose genesis is in the industrial era, from the beginning

of urban revolution. The epoch records changes of productive and systemic order that go far beyond factory mechanization. After several “industrial revolutions” is that cities are equipped and new conditions of sociability are born. In Brazil, it is within the context of these changes that took place in the turning of the nineteenth to the twentieth centuries, that hotel buildings start to be projected from a new urban rationale and adopt another architectural aesthetics, incorporating building and functional conveniences arising from industrialization, among which technologies from the energy sector. This work looks at the city of São Paulo electrification history, interpreting it and identifying points of its relation with the change in the shape of hotel buildings in the city, as well as the way they were inserted into the cosmopolitan dynamics of São Paulo’s urban society that emerged with industrial capitalism.

**Keywords:** hospitality; hotel buildings; urban spaces; São Paulo.

**La organización del aparato urbano y modernización del espacio en São Paulo en el inicio del siglo XX: una mirada sobre la estructura de la oferta hotelera y sobre el camino de integración de los edificios hoteleros en la ciudad industrial (Resumen)**

Los procesos regionales de estructuración y modernización de las ciudades son resultados de un fenómeno más amplio de producción y reproducción de espacios que no ocurren de repente o de inmediato, pero de una manera continua, cuya génesis está en la era industrial, desde la llamada revolución urbana . El momento registra transformaciones de naturaleza productiva y sistémica que van mucho más allá de la mecanización de las fábricas. Después de varias "revolución industrial" es que ocurre el aparejamiento de las ciudades y el establecimiento de nuevas condiciones de sociabilidad. En Brasil, es en el contexto de estos cambios que se produjeron a finales del siglo XIX hasta el comienzo del siglo XX que los edificios de hoteles pasan a ser diseñados de acuerdo con una nueva lógica urbana y adoptan otra estética arquitectónica, incorporando instalaciones constructivas y funcionales derivadas de la industrialización, incluyendo las tecnologías del sector de energía. En este trabajo se analiza la historia de la electrificación en Sao Paulo, interpretándola desde la identificación de los puntos de su relación con el cambio en la forma de los edificios de hoteles de São Paulo y del proceso de su inclusión en la dinámica cosmopolita de la sociedad urbana de la ciudad surgida con el capitalismo industrial.

**Palabras Clave:** hotelería; edificios de hoteles; espacios urbanos; São Paulo.

**Introdução**

Processos regionais de estruturação e modernização de cidades são desdobramentos de um fenômeno maior de produção e reprodução de espaços que não se dá de forma repentina ou imediata, mas de uma maneira continuada, cuja gênese está na era industrial, a partir do início da revolução urbana. A época registra transformações de ordem produtiva e sistêmica que vão muito além da mecanização das fábricas. Na sequência de várias “revoluções industriais” é que se dá o aparelhamento das cidades e a constituição de novas condições de sociabilidade.

No Brasil, é no contexto dessas mudanças, ocorridas na passagem do século XIX para o XX, que os edifícios hoteleiros passam a ser projetados dentro de uma nova lógica urbanística e

adotam outra estética arquitetônica, passando a incorporar facilidades construtivas e funcionais advindas da industrialização, entre as quais as tecnologias do setor energético. Este trabalho olha para a história da eletrificação na cidade de São Paulo, interpretando-o a partir da identificação dos pontos de sua relação com a mudança na forma dos edifícios hoteleiros paulistanos, bem como na maneira de sua inserção na dinâmica cosmopolita da sociedade urbana paulistana, surgida com o capitalismo industrial.

A conformação dos espaços urbanos como hoje os conhecemos não aconteceu de repente, mas no bojo de um processo cuja origem está na era industrial, no que Lefebvre chamou de “revolução urbana”<sup>1</sup>.

Por seu turno, o conjunto das transformações que teve início na revolução industrial significou muito mais do que a mecanização das fábricas. Foi, sim, uma sequência de várias pequenas e significativas revoluções que orientaram o aparelhamento dos espaços urbanos e novas relações sociais.

Neste movimento, caminharam juntos processos de modernização de áreas urbanas e de desenvolvimento de técnicas industriais, em função de diferentes contextos.

No Brasil, o processo de industrialização coincide com uma série de eventos de grande impacto experimentados no século XIX, entre os quais a independência, a instauração da Lei dos Sexagenários, a abolição da escravidão, o advento da República, a maciça chegada de imigrantes europeus como força de trabalho livre e qualificada e o crescimento econômico fomentado pela progressiva entrada dos capitais estrangeiros que financiaram, entre outros, o desenvolvimento da cultura cafeeira, a construção da rede ferroviária, a estruturação dos sistemas portuários e o desenho de novos modelos de sociabilização urbana.

Tudo isso colabora para a expansão e o aparelhamento das cidades, evento detalhadamente estudado por inúmeros autores<sup>2</sup>, que registram o enorme esforço de poder público e iniciativa privada para europeizá-las e apagar as más aparências e problemas do passado colonial.

O ambiente urbano brasileiro do século XIX, que repelia estrangeiros, precisava ser sanitizado, embelezado e renovado, o que incluía mudar o traçado das ruas, construir edifícios modernos e incorporar novas facilidades e tecnologias, já disponíveis no hemisfério norte, que trariam conforto à população e aos visitantes.

Por isso foram orientados, nas primeiras décadas do século XX, programas de intervenção urbanística e de saúde pública, com vistas à elevação no padrão dos serviços municipais e na qualidade do ambiente urbano<sup>3</sup>.

Entre esses vários movimentos, registra-se a incorporação de novas técnicas e tecnologias advindas da revolução industrial, entre elas a opção de inserção da eletricidade nas matrizes de energéticas de diversos países, também o Brasil.

---

<sup>1</sup> 2004, 2008.

<sup>2</sup> Skidmore, 1998; Lagenbuch, 1971; Dean, 1974.

<sup>3</sup> Skidmore, 1998.

Saes<sup>4</sup> aponta o provimento da eletricidade como “um setor novo e estratégico na realização dos processos de industrialização e urbanização das principais cidades brasileiras”. E comenta que, embora o foco deste processo de provimento energético estivesse prioritariamente voltado para fins industriais, “a incorporação da energia elétrica ao cotidiano brasileiro foi contemporânea com aquela realizada nos países europeus e nos EUA”<sup>5</sup>.

Isso, em São Paulo, cidade foco de análise neste trabalho, se explica por diversos motivos, entre os quais os principais são a disponibilidade de capital estrangeiro, de mão-de-obra qualificada e de uma política permissiva de investimentos em produção e distribuição de energia, graças à ausência de uma legislação específica para o setor de eletricidade, que só chegaria em 1934. Saes<sup>6</sup> destaca que, até esta época, a incorporação dos serviços elétricos se deu em função dos interesses das empresas de instalarem-se (ou não) em destinos urbanos determinados – e São Paulo, com o advento do café na segunda metade do século XIX, transformou-se na “locomotiva do Brasil”, atraindo investimentos e criando novas oportunidades para diversos setores econômicos.

É neste contexto de oportunidades que se concretiza o momento da implantação e distribuição da rede elétrica nas principais cidades brasileiras, entre elas São Paulo, que se firma como o mais importante pólo econômico nacional.

Este momento efetivou-se com maior vigor a partir de 1899, quando foi liberada a concessão para que a *The São Paulo Tramway, Light and Power Company* (em 1912 transformada em *Brazilian Traction Light and Power Company*) pudesse gerenciar e distribuir energia elétrica e operar o serviço de bondes, até então movidos por tração animal. Entre 1900 e 1930, a operação da *Light* contribuiria muito para a alteração da feição da cidade de São Paulo.

A modernização da capital paulista, induzida já por um sem número de fatores de natureza econômica, cultural, política e social, inicia um processo irreversível que teria sua expressão material na expansão e reestruturação da área urbana e que viria também a ser fortalecida pela *Light* nos termos da construção de um acervo urbano que ficaria marcado na memória arquitetônica e cultural da cidade.

Em meio ao legado advindo do processo de eletrificação da cidade de São Paulo e seu rebatimento no ambiente construído e na modernização da cidade, está a reestruturação da rede comercial de edifícios dedicados ao alojamento de pessoas em viagem, formalmente representada pelos meios de hospedagem de diversas tipologias e categorias, a que convencionalmente chamamos hotéis.

Na passagem do século XIX para o XX, em todo o Brasil, os edifícios hoteleiros passam a ser projetados dentro de uma nova lógica urbanística e adotam nova estética arquitetônica, passando a incorporar facilidades construtivas e funcionais advindas da industrialização, entre as quais as tecnologias do setor energético.

---

<sup>4</sup> 2010, p. 13.

<sup>5</sup> Saes, 2010, p. 14.

<sup>6</sup> 2010.

Este trabalho restitui parcialmente a história da eletrificação na cidade de São Paulo e apresenta o conseqüente movimento de aparelhamento e modernização do espaço urbano da capital paulista.

Este movimento, iniciado no último quartel do século XIX e concluído nas primeiras décadas do século XX, é compreendido a partir da interpretação das mudanças na forma dos edifícios hoteleiros paulistanos, bem como na maneira de sua inserção na dinâmica cosmopolita da sociedade urbana paulistana, surgida com o capitalismo industrial.

### **A dinâmica da transfiguração da cidade de São Paulo – da cidade de taipa à era do urbanismo modernizador e da produção capitalista do espaço**

Fundada no século XVI, São Paulo ficou por mais de três séculos restrita à sua área central e a uma relevância periférica no cenário mundial. Foi apenas com a cultura cafeeira, que junto consigo trouxe desenvolvimento econômico, urbanização, desenvolvimento da ferrovia e alteração nos hábitos de consumo e sociabilidade, que a cidade alcança outro patamar no contexto brasileiro e internacional. Marins<sup>7</sup> conta que

“epítetos como “metrópole do café” ou “locomotiva do Brasil” são tão caros à memória dos paulistanos quanto permanentes na historiografia brasileira, embalados que estão pelos sinais de transformação demográfica, espacial e econômica processada na cidade (de São Paulo) desde fins do século XIX”.

Desde 1860, com a produção cafeeira ganhando importância e as estações de estradas de ferro (São Paulo Railway) sendo inauguradas, a cidade de São Paulo começa a experimentar um ciclo de desenvolvimento que seria notável a ponto de mudar sua geomorfologia e estrutura econômica, social e cultural.

A chegada da iluminação pública a gás e a inauguração da primeira linha de bondes movidos por tração animal dá impulso significativo à área central, orientando a construção de edifícios públicos e de serviços diferenciados, mas a mudança definitiva para um novo patamar de desenvolvimento começa efetivamente a ser percebida a partir de 1899.

Em 1900 são inauguradas as primeiras linhas de bondes elétricos e a iluminação pública a gás começa a ser substituída pela elétrica. Urbanizado o centro, começa lentamente a expansão industrial em direção a outros bairros.

A Prefeitura de São Paulo<sup>8</sup> conta que

“No ano de 1905, são instaladas as primeiras lâmpadas elétricas da cidade - na rua Barão de Itapetininga - contratadas com a “The São Paulo Tramway, Light and Power Company Ltda”. Dois anos depois são iluminadas as ruas do triângulo formado pelas Ruas Direita, 15 de Novembro e São Bento, com 50 lâmpadas de arco fechado.

---

<sup>7</sup> 2001, p. 13.

<sup>8</sup> s/d.

[...] O primeiro contrato da Light com o Governo do Estado para Iluminação Pública foi firmado em 1911. Em 1916 ainda havia 8.605 lâmpadas a gás e 864 lâmpadas elétricas, de arco ou de filamento, na cidade de São Paulo. No ano seguinte foi dado início à substituição das lâmpadas de arco por incandescentes.

Foi no entanto com a expansão da economia cafeeira, deslocando o centro exportador do café para São Paulo, que houve um impacto decisivo no processo de urbanização da cidade, gerando a execução de obras que foram acompanhadas novamente pela Iluminação Pública”.

A *São Paulo Tramway, Light and Power Company*, que viria a ficar mais conhecida como *Light São Paulo* ou simplesmente *Light*, foi uma empresa de capital canadense que atuou na cidade de São Paulo e municípios vizinhos, sendo responsável por atividades de geração e distribuição de energia elétrica e pela prestação de serviços de transporte público por bondes.

Com o tempo, diz Seabra<sup>9</sup>,

“A Light estava em todo lugar. Nesse início do século XX, a cidade de taipa seguia sendo substituída pela São Paulo de tijolos e de cimento e a Companhia Light era identificada como agente modernizador. Os circuitos da economia urbana ganhavam extensão com os bondes de tração elétrica e a iluminação elétrica se tornou o produto-mercadoria cobiçado nas residências e nas ruas com a iluminação pública”.

Em seu estudo sobre a alteração morfológica e urbanística de São Paulo, Toledo (1983) apresenta a forma como a cidade mudou de feição, em especial graças às transformações ocorridas durante a presidência de João Teodoro (1872-1875). De acordo com o autor, a cidade foi, em um século aproximadamente, reconstruída duas vezes sobre si mesma, vindo a taipa a ser substituída por tijolos e depois os tijolos por concreto, o que viabilizou a verticalização definitiva da área urbana.

Nas palavras do autor,

“A cidade de São Paulo é um palimpsesto – um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber outra nova, de qualidade literária inferior, no geral. Uma cidade reconstruída duas vezes sobre si mesma, no último século<sup>10</sup>”.

Este estudo insere-se no contexto mundial da configuração da cidade industrial, ocorrida em termos mais genéricos no século XIX e mais ou menos rapidamente em cada local, em função de condições específicas. Não se trata de um movimento particular da cidade de São Paulo – a urbanização, as alterações nos materiais e técnicas construtivas e a verticalização foram fenômenos mundiais.

Em São Paulo, coloca-se exatamente na primeira etapa do contexto de mudanças locais. Neste sentido, talvez essa alteração da cidade tenha impressionado tanto por ter sido coordenada com muita rapidez, em um universo espacial também concentrado.

---

<sup>9</sup> 2012.

<sup>10</sup> Toledo, 1983, p. 67.

Junte-se a isso o esforço de europeização da cidade e de alteração de hábitos. Padilha<sup>11</sup> conta que

“Um dos alicerces do processo de urbanização da capital paulista foi [...] o cosmopolitismo pacifista de suas elites, esperançosas de que o Brasil pudesse estabelecer relações de igualdade com países da Europa e dos Estados Unidos.

[...] A essa expectativa correspondeu o projeto de nossas elites para a urbanização de São Paulo, assim como para o Rio de Janeiro. O discurso higienista, a exaltação da ciência moderna e do progresso, o culto à saúde e à beleza, assim como a valorização da cultura e da arte devem ser entendidos, portanto, em um contexto de construção de indicadores de uma nação civilizada”.

Isso implicava promover o progresso e materializá-lo nas cidades, erguidas à posição de *locus* do desenvolvimento econômico e de inserção do Brasil no cenário moderno internacional. A cidade cresceu e verticalizou-se.

Somekh<sup>12</sup> relata que os primeiros arranha-céus de São Paulo foram construídos na década de 1920, marcando o início de um intenso processo de modificação urbana na cidade – que em pouco tempo se transformaria na cidade mais verticalizada da América Latina. Este elemento – a verticalização – expressa uma das faces mais evidentes da modernização.

A autora destaca que a cidade vertical envolve a noção de edifício alto e é definida como a multiplicação efetiva do solo urbano possibilitada pelo uso do elevador. A relação verticalização/adensamento aumenta em função do aproveitamento intensivo da terra urbana e do padrão de desenvolvimento tecnológico. Neste sentido, é que a verticalização seria um fenômeno típico do século XX e, em São Paulo, o urbanismo ganharia, de acordo com Somekh<sup>13</sup> o caráter de “modernizador”, pois, “a partir do capitalismo, serviu à modernização da cidade, em termos de melhorias da eficiência e do desenvolvimento da cidade e do capital”.

A lógica do desenvolvimento capitalista se impõe, em caráter irreversível e pautada na tecnologia, que viabiliza o processo de produção e reprodução de espaços característico da era urbana e explicado nos textos clássicos de Folin (1977), Gottdiener (1997), Harvey (1985, 2006a, 2006b), Lefebvre (1974, 1999, 2004, 2008), Lojkine (1981) e Topalov (1979), entre muitos outros.

Neste contexto, a ciclo de desenvolvimento urbano iniciado no final do século XIX na cidade de São Paulo sofre considerável aceleração a partir de 1920, quando a produção industrial articula-se com o setor imobiliário e viabiliza a construção de prédios mais altos.

Colaboram para isso a Lei 2.232/20 (que regulamenta as alturas dos edifícios e o uso do elevador), a Lei 2818/25 (pela qual a prefeitura passa a exigir solicitação de licença para funcionamento do elevador) e o início da produção do cimento brasileiro em 1926.

---

<sup>11</sup> 2001, p. 18.

<sup>12</sup> 1997.

<sup>13</sup> 1997, p. 33.

Segundo Somekh, a combinação < elevadores + energia elétrica + produção brasileira de cimento/profissionalização do setor da construção civil > orienta o crescimento dos edifícios e a cidade efetivamente entra no ciclo de substituição das construções de tijolos pelas de concreto, que em termos materiais se traduz em verticalização e adensamento.

Com isso, acelera-se o uso terciário da área central da cidade e, mais tarde, na década de 1940, inicia-se a verticalização em outros vetores geográficos, surgindo prédios modernos e disseminando-se o uso do concreto.

Em termos políticos e econômicos, consolidam-se as relações de poder engendradas pelo processo de produção e reprodução de espaços urbanos nas grandes cidades – o poder está sempre baseado em arranjos complexos entre diferentes atores, com diferentes interesses. Dessa diferenciação, surgem os conflitos e as “frações hegemônicas de classe”, cujos interesses são “atendidos de modo prioritário pelo Estado”<sup>14</sup>.

Lembre-mos que, à época, eram hegemônicos o grande capital cafeeiro, o capital estrangeiro, a burguesia industrial, a lavoura paulista e algumas oligarquias regionais. Desses, os três primeiros influenciaram diretamente a reestruturação espacial, social, cultural e econômica por que passou a cidade de São Paulo.

O padrão da *belle époque* francesa era reproduzido, na melhor medida possível, nas cidades brasileiras. Saes<sup>15</sup> descreve o processo como a “formação de elites urbanas preocupadas em disparar o processo de modernização, cujo objetivo era incorporar as inovações (especialmente os padrões de consumo) resultantes da Segunda Revolução Industrial”.

Este esforço de modernização afetou diretamente os hábitos, alterando as noções e hábitos relativos à sociabilidade, em função da “disposição de nossas elites em adotar um estilo de vida urbano”. Isso “possibilitou à cidade de São Paulo o incremento da vida urbana e a intensificação dos hábitos de consumo, fatores que também eram entendidos como indicadores de civilidade e modernização”<sup>16</sup>. A autora segue comentando que

“O famoso triângulo formado pelas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro era uma das áreas que mais se modificava e absorvia as inovações da vida urbana. Os elegantes da cidade freqüentavam os requintados cafés e restaurantes da região, desfrutando da nova paisagem que o movimento de pessoas, a luz elétrica, os cartazes e luminosos proporcionavam. Um sem-número de lojas, vitrines e cartazes se enfileiravam nas calçadas por onde passavam os pedestres, uns a passeio, outros a negócios. Passar por ali era entrar em contato com as últimas novidades que surgiam na cidade, tanto em termos da paisagem urbana propriamente dita, quanto em termos de consumo”<sup>17</sup>.

São esses elementos – a mudança da morfologia e da feição da cidade por conta do adensamento e da verticalização, a alteração na dinâmica da vida urbana em função dos novos hábitos de sociabilidade e consumo e a nova lógica econômica de produção e reprodução de

---

<sup>14</sup> Saes, 2010, p. 22.

<sup>15</sup> 2010, p. 23.

<sup>16</sup> Padilha, 2001, p. 19.

<sup>17</sup> Padilha, 2001, p. 20-21.



espaços urbanos – que interferem mais diretamente na reestruturação formal dos edifícios hoteleiros paulistanos e na maneira como se inserem na dinâmica social urbana paulistana.

## **A reestruturação formal e funcional dos edifícios hoteleiros no bojo da modernização do espaço urbano paulistano**

A estrutura comercial de hospedagem em áreas urbanas constitui-se em uma das mais relevantes para suporte à mobilidade de pessoas, que necessitam de um lugar para descansar, em meio ao seu deslocamento. Convenciona-se chamar genericamente de hotel<sup>18</sup> estabelecimentos dedicados ao alojamento dessas pessoas em trânsito, independente dos motivos que orientam sua mobilidade.

Internacionalmente, tem-se que a palavra *hotel* começa a ser usada nos Estados Unidos (EUA), em 1790 e é de 1794 o empreendimento que é considerado o primeiro exemplar da hotelaria moderna – o The City Hotel, com 115 quartos, em Nova York. Teria, por sua volumetria, incorporado uma série de novidades técnicas e tecnológicas, bem como procedimentos operacionais e de gestão que, para a época, eram considerados inovadores<sup>19</sup>.

A partir de então, os EUA firmam-se como os maiores representantes do que viria a ser a hotelaria como conhecemos hoje – um setor econômico para o qual a tecnologia é sinônimo de oportunidades e de lucro, que busca instalar-se nos espaços com maior dinamismo econômico e que adere às dinâmicas de sociabilidade locais, assumindo papel estruturante das relações engendradas nessas sociedades e espaços.

Uma das vertentes de desenvolvimento tecnológico que influenciou a reestruturação dos edifícios hoteleiros, a partir do final do século XIX, foi a eletrificação.

Na hotelaria norteamericana, conta-se que a luz elétrica aparece pela primeira vez em 1882, instalada no Hotel Everett, em Nova York, que a disponibiliza nas áreas sociais. O primeiro estabelecimento em que a eletricidade seria instalada em toda a edificação, no mesmo ano, seria o Sagamore Hotel<sup>20</sup>.

O autor conta ainda que já no século XIX os Estados Unidos assumem a liderança do mercado da hotelaria moderna e, a partir de então, tornam-se pioneiros na implantação de algumas facilidades tecnológicas, entre as quais cita:

---

<sup>18</sup> Embora existam inúmeras nomenclaturas para descrever estabelecimentos dedicados à hospedagem de pessoas, a palavra hotel é a que mais genericamente é usada, em inúmeros idiomas e nas mais variadas localidades. Para saber mais sobre as tipologias, classificações e sobre a própria história de desenvolvimento dos meios de hospedagem, no Brasil e no mundo, consulte as seguintes obras: (a) CAMPOS, José Ruy Veloso. *Introdução ao universo da hospitalidade*. Campinas: Papirus, 2005, (b) SPOLON, Ana Paula Garcia. “Breve história dos meios de hospedagem no Brasil e no mundo”. In: *Hotelaria*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010 (no prelo). 28 p., (c) TRIGO, Luiz Gonzaga Godói e SPOLON, Ana Paula Garcia. “Meios de hospedagem”. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Viagem na memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: SENAC SP, 2001. p. 153-174, (d) WALKER, John R. *Introdução à hospitalidade*. 2 ed. Barueri: Manole, 2002(1996) e (e) O’GORMAN, Kevin D. *The origins of hospitality and tourism*. Oxford: Goodfellow Publishers, 2010.

<sup>19</sup> Tuch, 1999.

<sup>20</sup> Tuch, 1999.

- 1835 – instalação de iluminação a gás no American Hotel
- 1836 – disponibilização de serviço de água encanada no Aster House
- 1844 – construção de banheiros privativos em algumas unidades habitacionais do New York Hotel
- 1848 – instalação de cofres no Fifth Avenue Hotel
- 1859 – início da operação de elevadores no Fifth Avenue Hotel
- 1882 – instalação de luz elétrica nas áreas públicas do Hotel Everett
- 1882 – instalação de luz elétrica em todo o edifício do Sagamore Hotel
- 1894 – operação telefônica no Hotel Netherlands

No Brasil, essas facilidades foram sendo incorporadas aos poucos. Antes disso, alterou-se a forma do próprio edifício hoteleiro, até o século XIX adaptado para receber a operação hoteleira e, por conta disso, associado a uma série de problemas relativos a instalações, facilidades e serviços.

Inicialmente, até basicamente o século XIX, a hotelaria nacional era acanhada, só vindo a contar com empreendimentos melhores a partir de 1816, quando é instalado no Rio de Janeiro o Hotel Pharoux, considerado então o primeiro hotel de classe internacional do país. O Rio de Janeiro teve o desenvolvimento hoteleiro mais acelerado em relação a outros destinos nacionais, por razões óbvias – o fato de alojar a corte e dispor de maiores recursos para investimento público acabava por influenciar também a expansão de setores de apoio às atividades administrativas e econômicas da cidade.

No que diz respeito à capital paulista, na primeira metade do século XIX, a cidade ainda não contava com estabelecimentos hoteleiros que pudessem ser considerados luxuosos. Saint-Hilaire, viajante francês que percorreu grande parte do país, escreveu que havia à época em São Paulo uma única estalagem e que ela era “imunda”<sup>21</sup>.

Segundo o autor, apenas em 1854 começariam a surgir os “bons hotéis”, entre eles o chamado 4 Nações, mais tarde Hotel da Itália e depois Hotel de França, na esquina das ruas São Bento e Direita.

Somente a partir de 1870 registra-se em São Paulo um parque hoteleiro mais estruturado. Citavam-se, então, os hotéis Palma, Paulistano, do Comércio, Providência, Universal, 4 Estações, Bela Vista, d’Oeste, Grande Hotel, Hotel Fazoli, Hotel Bristol, Hotel Queluz, Hotel Federal Paulista e Hotel das Bandeiras.

O CNC<sup>22</sup> descreve as melhorias aos poucos incorporadas à rede hoteleira paulistana e destaca o Grande Hotel, de Frederico Glette, inaugurado em 1878 na Rua São Bento e que viria a ser considerado o melhor do Brasil<sup>23</sup>. Segundo o CNC,

“Em São Paulo, o Grande Hotel, inaugurado em 1878, foi considerado o melhor do Brasil, na ocasião, oferecendo uma série comodidades para os hóspedes, como candelabros a gás, escada de mármore branco, mobiliário requintado, sala de banho, correio e telégrafos e outros serviços”.

---

<sup>21</sup> Porto, 1992.

<sup>22</sup> 2005.

<sup>23</sup> Porto, 1992.

Também Koseritz<sup>24</sup> o descreve como o mais importante estabelecimento do país e aponta as facilidades das quais dispunha:

“Nenhum hotel do Rio se lhe compara. [...] Nem o Rio nem todo o resto do Brasil possui nada de parecido em matéria de luxo [...], de serviço excelente, de cozinha magnífica, de variada adega. Grandes candelabros a gás iluminam o vestíbulo, e por uma larga escada de mármore branco se sobe ao primeiro andar, onde um empregado [...], avisado pelo porteiro por campainha elétrica, recebe o recém-chegado. Belos quartos com mobiliário muito elegante e excelentes camas, gás, banho, [...]”.



**Figura 1. Grande Hotel, Rua São Bento, em imagem de 1911**

Fonte: ELETROPAULO (1990)

Nos anos seguintes, aos poucos, começou a ser alterada a forma das novas edificações hoteleiras na cidade e sua interação com o urbano. Com o advento do comércio urbano em ebulição, nova dinâmica social se instala.

Entre os diversos movimentos sociais, a imigração europeia que se encaminhava para as lavouras de café surge como que para servir de testemunho de uma época e é construída a *Hospedaria dos Imigrantes*, cuja obra começou em 1886 e foi concluída em 1888.

Empreendida pelo Conde de Parnaíba, contava com dormitórios arejados, refeitórios, lavanderia e enfermaria. Por ela passaram, entre 1887 (antes mesmo da conclusão das obras) e

---

<sup>24</sup> 1980, p. 57.

1978, quase três milhões de estrangeiros de mais de 60 etnias, mais da metade de toda a imigração que o Brasil recebeu. Conta Morse<sup>25</sup> que

“A 13 de maio de 1888, quando a sereníssima princesa imperial D. Isabel de Orleans e Bragança assinou a Lei Áurea, estava repleta a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. E o interior paulista já tinha braços novos que faziam renovar a sua lavoura”.

A estrutura física da Hospedaria dos Imigrantes é inovadora no sentido da organização da atividade hoteleira. Ao planejar-se um edifício que contava com grande disponibilidade de espaços para alojamento e refeições, além de uma estrutura de apoio que previa serviços de lavanderia, administração, cuidados médicos, guarda de bagagens e correios, incorpora-se, mesmo que intuitivamente, elementos de projeto típicos da arquitetura hoteleira, antes mesmos de serem formalmente padronizados e adotados no país.



**VISTA GERAL DO DEPARTAMENTO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO - 1ª FASE ANTERIOR A 1911 - VENDENDO-SE: (1) Edifício Central: Administração e Dormitórios - (2) Refeitório e Cozinha - (3) Enfermaria - (4) Hospital - (5) Depósito de Frutas - (6) Sanitários - (7) Triagem Médica - (8) Estação e Bagageiro - (9) Portão Principal - (10) Agência Oficial de Colocação - (11) Agência Postal, Telégrafo e Câmbio - (12) Portão da Rua Almeida Lima**

**Figura 2. Imagem aérea e croqui da Hospedaria dos Imigrantes**

Fonte: Extraída de REIS (2007)

Seguiram-se nos anos seguintes aberturas de um sem número de empreendimentos hoteleiros, já considerados absolutamente necessários a São Paulo. Padilha<sup>26</sup> diz que

“os hotéis, primeiras construções ‘nobres’ de São Paulo, lucrando com os fazendeiros endinheirados do interior desde o terceiro quartel do século XIX, também eram fundamentais para uma cidade que se pretendia cosmopolita e que precisava abrigar seus visitantes com o que havia de melhor, sem nada a dever às maiores do mundo”.

<sup>25</sup> 1976, p. 201.

<sup>26</sup> 2001, p. 94.

Entre esses novos estabelecimentos, merecem destaque o Hotel Regina (aberto em 1908 no Largo de Santa Ifigênia, com projeto de Ramos de Azevedo) e o Hotel Esplanada (cuja construção durou de 1911 a 1923, sobre projeto de Émile Louis Virrett e Gabriel Pierre Jules Marmorat para edifício situado no Vale do Anhangabaú).

O que difere esses dois empreendimentos é o fato de começarem a expor a adesão da hotelaria às facilidades construtivas e operacionais advindas da industrialização. Estavam entre os hotéis da cidade que ofereciam telefone aos hóspedes e entre os que dispunham, em alguma medida, de facilidades associadas ao uso da eletricidade, como relata o CNC<sup>27</sup> :

“Uma grande novidade que fez a diferença nos melhores hotéis por volta de 1880 foi o telefone. Dom Pedro II havia se surpreendido com essa maravilhosa invenção na Exposição Internacional de Filadélfia, em 1877, e pouco tempo depois os primeiros telefones estavam sendo fabricados no Brasil, para serem instalados no palácio do Imperador. Sugestivamente, uma casa comercial chamada "Ao Rei dos Mágicos" instalou a primeira rede telefônica do país, interligando-se a várias repartições públicas na cidade. Somente com a criação da CTB - Companhia Telefônica Brasileira, em 1881, o serviço ganhou corpo. Mas o Brasil estava adiantado neste setor, em relação ao restante do mundo. Desde 1879 havia hotéis com telefone à disposição do público, inicialmente apenas para solicitar transporte.

Em 1882, finalmente, a central telefônica da CTB entrou em funcionamento, atendendo a dez hotéis, alguns deles já com telefone particular para os hóspedes, nos quartos.

Outra inovação bastante alardeada foi a eletricidade. Os avanços nessa área vieram por etapas. Primeiramente, o conforto de uma campainha elétrica em todos os quartos, para o hóspede solicitar serviços sem precisar ir até a recepção. Depois, a iluminação de alguns setores, especialmente os de uso comum. Depois, os quartos. E, nos prédios altos, os elevadores movidos a energia elétrica causavam admiração (grifos nossos).”

Padilha<sup>28</sup> destaca ainda a função social dos hotéis, dando como exemplo o próprio Hotel Esplanada: “Os hotéis ofereciam outras oportunidades de lazer para a sociedade. No ano de 1927, o Esplanada Hotel organizou as festas de Natal e Ano Novo com direito a quatro *jazz-bands*, surpresas e uma ceia”.

Quanto ao partido arquitetônico, empreendimentos construídos a partir dos anos 1910 e, em especial, na década de 1920, passam a ser projetados para funcionar especificamente como hotéis. Ainda assim, Tuch<sup>29</sup> cita Fraccararoli, Federal, Paulista, Kelfer, do Sol, Londres e Albion, todos abertos na década de 1920, como empreendimentos instalados em prédios que passaram por adaptações mal feitas e que, por isso, funcionavam com instalações precárias.

Este fator, relacionado ao lento desenvolvimento da indústria da construção civil, seria aos poucos alterado. Somekh<sup>30</sup> destaca que a verticalização, por si, é um fenômeno estritamente moderno e que em São Paulo, antes de 1920, havia poucos prédios com mais de três ou quatro pavimentos.

---

<sup>27</sup> 2005.

<sup>28</sup> 2001, p. 96.

<sup>29</sup> 1999.

<sup>30</sup> 1997.

É a combinação do elevador com a energia elétrica, segundo a autora, que vem promover a intensificação da verticalização da cidade, que começa pelo centro e que ganharia força no final da década de 1920. Em 1926, a autora relata que havia na cidade toda apenas 29 “edifícios altos”. Entre eles, estava o citado Hotel Esplanada, com 38 metros de altura, localizado na Praça Ramos de Azevedo/Vale do Anhangabaú.

É notável a diferença do Esplanada em relação aos empreendimentos hoteleiros construídos apenas 50 anos antes, não somente em termos de partido arquitetônico como também da forma de sua implantação no terreno e de sua interação com o espaço urbano.

As figuras 3 e 4 mostram esta diferença<sup>31</sup>. O primeiro hotel, chamado Italia e Brazil, estava instalado na então Ladeira do Açú, hoje Av. São João e ocupava todo o lote, rente à calçada. Com dois pavimentos apenas, ocupava um edifício de linhas arquitetônicas simples. Em termos de serviço, foi um hotel sem grande expressão, mas economicamente foi relevante no período em que funcionou.

O segundo empreendimento retratado pelas figuras é o Hotel Esplanada, que dispõe de outra volumetria e projeto arquitetônico diferenciado, além de gozar de “invulgar perspectiva”, constituindo “um dos mais belos conjuntos que já se construiu no Brasil, o Parque do Anhangabaú, onde a arquitetura e paisagismo tinham enorme coerência”<sup>32</sup>.



**Figura 3. Hotel Itália e Brazil, em imagem de Militão Azevedo, de 1887**

Fonte: O Estado de S. Paulo/Terceiro Nome, 2004.

<sup>31</sup> Para melhor conhecer a história dos primeiros meios de hospedagem da cidade de São Paulo, em especial no que tange à sua arquitetura e maneira de inserção no espaço urbano, veja o trabalho de Campos (2009)

<sup>32</sup> Toledo, 1983, p. 104.



**Figura 4. Hotel Esplanada**

Fonte: CNC, 2005.

Monteiro<sup>33</sup> reconhece que, “ligados ao processo de crescimento sócio-econômico e à expansão urbana da Cidade, os hotéis se instalaram junto aos principais espaços e suas principais transformações ocorreram na cidade no período do início do século XX até meados do mesmo século” e “mudaram de perfil construtivo e arquitetônico”.

Segundo a autora, no decorrer do século XX, no bojo da industrialização e modernização da cidade, surgiram hotéis luxuosos e os projetos foram se tornando mais complexos, integrando a hotelaria à cidade, tanto em termos de desenvolvimento tecnológico quanto de interação com os espaços e as relações sociais neles orientadas.

Também em termos econômicos essa interação passou a se dar de maneira natural. Os empreendimentos hoteleiros, como os conhecemos hoje, dependem da lógica da densidade e da verticalização. Para a hotelaria, cada fração do imóvel destinada a uso - a unidade habitacional -, é um produto com possibilidade de comercialização diária, por preço flexível. Neste sentido, a dinâmica da relação entre o custo da terra, a maneira de aproveitamento do terreno e a configuração do produto final é que garante a rentabilidade desejada por cada um dos agentes sociais envolvidos no processo de desenvolvimento hoteleiro.

## **Conclusão**

A leitura sobre o processo de aparelhamento e modernização do espaço urbano paulistano, iniciado no século XIX e concluído, em termos estruturais, em meados do século XX, destaca

---

<sup>33</sup> 2005.

inúmeros elementos essenciais à constituição da São Paulo que hoje conhecemos. A energia elétrica é por certo um desses elementos.

A opção pela eletricidade como matriz energética, em todo o país, orientou a remodelação de inúmeros sistemas, desde os mais estruturais, como transporte, e saúde pública, até redes de equipamentos urbanos, entre os quais restaurantes, teatros e hotéis.

Especificamente no que tange à hotelaria paulistana, a eletricidade fomentou três aspectos importantes: (a) a melhoria dos serviços, por meio da oferta de facilidades como a iluminação de cada um dos espaços internos e da instalação de campainhas para contato com a recepção, (b) a reestruturação formal das edificações, que passaram a ser melhor projetadas, cresceram em volumetria e passaram a melhor explorar as possibilidades de inserção no espaço urbano e de maximização de receitas (com o crescimento dos edifícios, permitido pela adoção de uma série de novas técnicas construtivas, entre as quais os elevadores movidos a energia elétrica) e (c) a maneira de inserção dos hotéis na nova dinâmica de consumo e sociabilidade que se construiu na cidade.

Os hotéis entraram no circuito social e econômico da cidade de São Paulo, ocupando definitivamente lugar de destaque. Relato da CNC<sup>34</sup> ilustra bem o contexto de ressignificação da hotelaria no Brasil no início do século XX:

“Além das novidades tecnológicas, a inserção dos hotéis na vida social não somente conferiu notoriedade aos que souberam seguir esse caminho, como colaborou para a transformação de costumes arraigados da antiga sociedade colonial”.

Em relação especificamente à hotelaria paulistana, Monteiro<sup>35</sup> comenta;

“A cidade percebeu um grande crescimento na construção de novos edifícios hoteleiros. A influência americana e o uso da indústria foram visíveis nos novos exemplares que apareciam na cidade. Surgiram, então, “novos símbolos” da era Metropolitana que encontraram no Centro Novo as bases políticas, econômicas e sociais para sua implantação”.

Não há dúvidas de que a história da eletrificação de São Paulo e o conseqüente movimento de modernização do espaço urbano influenciou fortemente o aparelhamento da rede hoteleira paulistana, reorientando seu desenvolvimento como artefato arquitetônico e como produto imobiliário, inserindo-o definitivamente no circuito da economia urbana da cidade.

## **Referências bibliográficas**

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMERCIO (CNC). *Breve história da hotelaria e do turismo*. Publicação em comemoração aos 50 anos de atividades. (Mimeo). Disponível em [http://correiogourmand.com.br/turismo\\_02\\_turismo\\_01\\_raizes.htm](http://correiogourmand.com.br/turismo_02_turismo_01_raizes.htm), acesso em 13/01/2013.

DEAN, Warren. *A industrialização em São Paulo*. São Paulo: DIFEL, 1974.

---

<sup>34</sup> 2005.

<sup>35</sup> 2005.



ELETROPAULO. *A cidade da Light, 1899-1930*. São Paulo: Eletropaulo, 1990.

FOLIN, Marino. *La ciudad del capital y otros escritos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1977. (Colección Ciencias Urbanísticas).

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1997(1985).

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006a(2001). (Coleção Geografia e Adjacências).

HARVEY, David. *The limits to capital. New and fully updated version*. London/New York: Verso, 2006b(1982).

HARVEY, David. *The urbanization of capital*. Baltimore: Johns Hopkins University Press; Oxford: Basil Blackwell, 1985.

KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

LANGENBUCH, J. R. *A estruturação da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: FIBGE, 1971.

LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 1999(1972).

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: 1 ed., 2 reimp. Editora da UFMG, 2004(1970).

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008(1972).

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.

LOJKINE, Jean. *O estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MARINS, Paulo César Garcez. *Prefácio*. In: PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 13-15.

MONTEIRO, Ana Carla de Castro. Os hotéis da metrópole: evolução e história dos hotéis na cidade de São Paulo. *Arquitextos*, 062.04, ano 06, jul. 2005. ISSN 1809-6298. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.062/444>>, acesso em 14/12/2012.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976(1954).

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PORTO, Antônio Rodrigues. *História urbanística da cidade de São Paulo (1554 a 1988)*. São Paulo: Carthago & Forte, 1992.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *História da iluminação*. São Paulo, s/d. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/ilume/historia/>, consulta em 13/02/2013.

REIS, Carolina Sciarotta Gomes. *Uma história para a cidade de São Paulo: um desafio pedagógico*. São Paulo: LEMAD – Laboratório de Ensino e material didático, 2007. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dh/lemad/wp-content/uploads/2010/07/carolina.JPG>>, acesso em 14/02/2013.

SAES, Alexandre Maccione. *Conflitos do capital: Light versus CBEE na formação do capitalismo brasileiro (1898-1927)*. Bauru: EDUSC, 2010.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Energia elétrica e modernização social Implicações do sistema hidrelétrico de São Paulo na Bacia do Alto Tietê. *Actas Simposio Internacional Globalización, innovación y construcción de redes técnicas urbanas en América y Europa, 1890-1930 - Brazilian Traction, Barcelona Traction y otros conglomerados financieros y técnicos*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOMEKH, Nádia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo, 1920-1939*. São Paulo: Studio Nobel: EDUSP: FAPESP, 1997. (Coleção Cidade Aberta).

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

TOPALOV, Christian. *La urbanización capitalista: alguns elementos para su análisis*. México: Edicol, 1979. (Colección Diseño: Ruptura y Alternativas).

TUCH, David L. *Construindo o sonho: planejamento físico hoteleiro para o século XXI*. São Paulo: CEATEL, 1990. (Mimeo)